

## O crack, o corpo e a rua

Analisando trajetos e andanças na cidade

**Beatriz Brandão e Wellington da Silva Conceição**

---



**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da  
Universidade de São Paulo

**Edição electrónica**

URL: <http://pontourbe.revues.org/3480>

DOI: 10.4000/pontourbe.3480

ISSN: 1981-3341

**Refêrencia eletrónica**

Beatriz Brandão e Wellington da Silva Conceição, « O crack, o corpo e a rua », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 Junho 2017, consultado o 04 Julho 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3480> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3480

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Julho 2017.

---

# O crack, o corpo e a rua

Analisando trajetos e andanças na cidade

Beatriz Brandão e Wellington da Silva Conceição

---

## Introdução

Em mim  
eu vejo o outro  
e outro  
e outro  
enfim dezenas  
trens passando  
vagões cheios de gente  
centenas  
O outro  
que há em mim  
é você  
você  
e você  
Assim como  
eu estou em você  
eu estou nele  
em nós  
e só quando  
estamos em nós  
estamos em paz  
mesmo que estejamos a sós  
*Contranarciso - Paulo Leminski*

- 1 Todos os dias somos colocados frente a frente com milhares de estímulos, visuais, linguísticos, gestuais, que por serem tantos, nosso olhar e atitude se tornam blasé a muitos deles, como bem analisou Simmel (1987). Mas, mesmo diante de tantos estímulos, é difícil olhar com neutralidade e ter um comportamento asséptico a certas cenas que se comunicam de forma gritante. Diante de uma situação de comunicação corporal intensa, nos defrontamos com Simmel, Bourdieu, Le Breton e tantos outros, nos confrontamos

conosco e com o pensamento hegemônico da sociedade. O acontecimento foi na Avenida chamada Brasil, que só pelo nome já carrega o *ethos* da diversidade. A avenida que liga a cidade do Rio de Janeiro de ponta a ponta, que deu nome e fama à teledramaturgia brasileira, que recebe milhares de carros que passam no asfalto cinza e *concreto*, que tem um espaço aberto às pessoas que se “abrigam” nessa via urbana que tudo parece abraçar. Já se tornou habitual ver nas manchetes de jornais, moradores de rua, usuários de crack (reconhecido pela população como *cracudos*) invadirem as estradas da avenida se colocando em frente aos carros em alta velocidade, numa cena que parece conter a total abnegação de seus corpos. O fato de colocarem o corpo em evidência no cotidiano da rua e exibi-los a cenas de perigo, para muitos põe em cheque suas concepções de vida, pois o resguardo do corpo atua como ação simbólica da blindagem e prevenção à vida. É o corpo como vetor de diálogo constante, como assinalado por Bourdieu:

o corpo funciona como uma linguagem pela qual mais se é falado do que propriamente se fala, uma linguagem da natureza, onde se trai o mais escondido e o mais verdadeiro simultaneamente, porque o menos conscientemente controlado e controlável, e que contamina e sobredetermina com suas mensagens percebidas e não percebidas todas as expressões intencionais, a começar pela palavra (Bourdieu 1977: 01)

- 2 Observamos, porém, que as formas e usos da corporalidade nunca são uniformes. Elas geralmente estão inscritas nos sistemas simbólicos e sociais que se inserem, participando de um universo de significados e práticas. Neste texto, queremos explorar essa questão por meio da análise de um episódio particular: a defecação de um *cracudo* (e a sua higienização) a luz do dia diante dos muitos carros que passavam pela avenida Brasil. Se, à primeira vista, o episódio aparentaria para muitos uma prática “animalesca”<sup>1</sup>, uma análise mais pormenorizada do mesmo nos revelou códigos de interação social marcados pelos usos diferenciados do corpo no urbano.

## O *cracudo*: sobre o personagem urbano e suas interações

- 3 “Cracudo” é um dos nomes pelos quais são chamados os usuários da droga crack<sup>2</sup> no Rio de Janeiro<sup>3</sup>. Tal categoria deve ser analisada de modo pormenorizado devido ao alto grau simbólico e subjetivo que traz consigo. *Cracudo* é a forma estigmatizante como são chamados os moradores de rua que fazem uso da droga ou aqueles que ficam várias horas do dia na rua em função do vício. A diferenciação entre o usuário recreativo (ou seja, faz uso, mas não tem a rua como moradia e mantém uma vida sem romper com seus laços originais) e o *cracudo* é que este último faz uso da droga, mora na rua e “atrapalha o fluxo natural da cidade”.
- 4 O *cracudo* se insere na dinâmica urbana como um novo tipo de “usuário problema”. Utilizamos essa categoria “usuário problema” para aqueles que, além de dependentes ou usuários das drogas, sofrem um tipo de estigmatização e caracterização moral que não é imputada, por exemplo, ao usuário recreativo. Esse usuário transgressor em evidência na década de 1980 era o maconheiro (usuário de maconha) e o chincheiro (usuário de cocaína) na década de 1990. Hoje o *cracudo* assume esse papel. A esses três tipos de “usuários problemas” e as substâncias que utilizam pesaram acusações muito semelhantes, como um possível caráter agressivo por conta do uso constante (o que faz do mesmo um sujeito perigoso) e a condição rápida e irremediável de dependência da droga.

O que o diferencia dos demais usuários é que este é ser um drogado – a droga está como que entranhada na sua natureza – que traz problemas à sociedade. Sobre ele, pesa uma acusação social que constrói uma sujeição sobre suas práticas, valores e comportamentos. Por vezes, a condição de exclusão é tão impactante que o sujeito não vê outra solução a não ser assumir o papel de *outsider* (Becker, 2009) e abraçar as representações já existentes sobre si, o que acaba reafirmando as convicções socialmente construídas em uma espécie de círculo vicioso.

- 5 Acreditamos que a adesão a condição de “usuário problema”, no nosso caso o *cracudo*, se coaduna com as desigualdades e preconceitos já existentes na sociedade brasileira. No geral, a diferenciação real entre o usuário recreativo e o usuário problema muitas vezes passa pela condição de cor ou de classe. Tal processo ficou evidente diante da comoção pública causada pelo episódio do “mendigato”<sup>4</sup>, como assim foi apelidado o morador de rua em Curitiba e usuário de crack Rafael Nunes. Em outubro de 2010, uma foto do ex-modelo, de olhos claros e aparência nórdica – , nas ruas, vestido como um mendigo, chocou o Brasil inteiro. Rapidamente, sua foto foi compartilhada 40 mil vezes nas redes sociais. O impacto se deu pelo fato de um rapaz de tamanha beleza estar nas ruas. Todos os meios de comunicação, inclusive os internacionais <sup>5</sup> –, correram logo para descobrir a sua história e origem, e o comentário era geral e incessante, e essa repercussão descomunal se deu já que Rafael não correspondia ao perfil étnico, estético e social dos demais *cracudos* e moradores de rua. Se trata com normalidade que os mais pobres e negros tenham uma carreira moral de envolvimento com as drogas ou com a vida nas ruas e a rejeição à existência de um mendigo/*cracudo* sem as expressões que representam essa camada só alarga a dimensão e profundidade do estereótipo fundante, que é reificado de tal modo que “restam poucos espaços para negociar, manipular ou abandonar a identidade pública estigmatizada (...) engloba processos de rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social (...) e não como um caso particular de desvio”. (Misse 2010: 23).
- 6 Ao observar as relações entre esses usuários de crack e seus territórios por excelência, que são apelidados de *cracolândias*, é possível desconstruir facilmente essa representação generalizada dos *cracudos* como pessoas associáveis, perigosas ou essencialmente problemáticas. Percebemos as *cracolândias* como comunidades morais, como espaços com seus ordenamentos formulados e pensadas por seus moradores, observando “a vida precária como criadora de fronteiras de construções morais no espaço público” (Das e Poole 2004). Partimos do princípio que há sim reflexividade entre eles, que rompem com o contrato social hegemônico no qual estão submetidos e dentro dos seus territórios constroem outro contrato próprio deles e para a sociabilidade deles, com seus próprios valores e moralidades. Nessa sociabilidade se constituem a formação no cotidiano de suas redes de solidariedade, a dimensão do outro nas relações e como se dá a opção de diálogo por meio de sua corporalidade, onde apresentam sinais de capacidades reflexivas e comunicativas, como vemos no caso relatado a seguir.

## Sinais corpóreos e linguagem: um recado para os seus e outro para a cidade

- 7 Muitos filtram suas leituras por momentos episódicos para compor seus julgamentos, entretanto, algumas situações mostram um sentido oposto desse pensamento de que não há uma autopreservação no meio de moradores de rua, que façam ou não uso de drogas.

Uma cena ocorrida na Avenida Brasil apresentou a união da consciência corporal com questões morais, sociais e afetivas. No horário do *rush*, com trânsito intenso, um dos homens que lá habita fazia as suas necessidades na rua, defecando perto de onde estava seu grupo. O que chamou a atenção era que ao se limpar virou de costas para a avenida e para os carros que estavam a passar, deixando as partes mais reclusas do corpo humano à mostra, se limpando naturalmente. No entanto, era notório que havia uma tensão ali, pois enquanto se limpava olhava incessantemente para o seu grupo tentando se esconder, à medida que se escondia dos companheiros conhecidos se mostrava ainda mais para toda a avenida Brasil. Esse jogo de representações mostra que o homem tinha a exata noção de que esse era um momento de intimidade, que pertencia ao espaço privado e, também, sabia do poder de comunicação que seu corpo possuía, já que:

Desprovidos de bens materiais, sem casa, absolutamente fora das práticas de consumo, envelhecendo na rua, o corpo é o único suporte que lhes resta e que lhes é irredutível. Nesse sentido, a trajetória do morador de rua é eminentemente corporal: o corpo traz a visibilidade dos processos que marcam a homogeneização política desta categoria e as suas distintas formas de se relacionar com o espaço urbano; é sobre ele que se projetam as contínuas e sucessivas intervenções e manifestações de violência que atualizam cotidianamente as tentativas de exclusão desse segmento; mas é também a partir do corpo que surgem as possibilidades de resistência do morador de rua à exclusão. [...] o corpo atua como uma atividade simultaneamente física, simbólica, política e social, que se constrói na relação com outros corpos e na interface com a dimensão espacial e social das ruas da cidade. (Rui, 2010: 804).

- 8 O fato de deixar-se completamente visível para toda a estrada e apenas de preservar sua intimidade dos seus conhecidos levanta algumas hipóteses, pois “compreender a comunicação é também compreender a maneira como o sujeito, de corpo inteiro, nela participa” (Le Breton 2009: p. 40). Sabendo que a corporalidade dessa categoria (morador de rua e/ou usuário de droga) é, simultaneamente, social e individual, vemos que ele está sempre resistindo, material e simbolicamente, a diversas atitudes, como à sua extinção na cidade. Isso pode se mostrar por meio de um processo reflexivo, onde ele é o ator que subverte, de forma radical, o sentido homogeneizador do espaço da rua, ao condensar em sua figura a dimensão pública e privada de sua vida.
- 9 O entrelaçamento entre público e privado é externalizado por ações no qual o corpo opera como elemento principal, catalisador e propulsor do que eles são, é o corpo como discurso, mas, como todo discurso, está aberto às interpretações subjetivas de quem os lê (vê). E nessa situação citada é possível dimensionar a reflexão por duas óticas. O fato do homem se preocupar apenas com seu grupo durante o momento de intimidade e se colocar alheio a todos que passavam e o viam, pode representar uma reação consciente, de expurgar e colocar o espetro e a excreção para fora como ato simbólico do que ele representa para a sociedade e o que a sociedade representa para ele, esse seria um revés da invisibilidade da qual sofrem por aqueles os tolhem do olhar sem discriminação. O fato de mostrar, a sol aberto, o tabu da sujeira, da imundície corpórea, pode agir também como um protesto racional, revelando sentidos argutos para perceber a abjeção e objeção a esses “corpos-espécies”. Ou então pode ser lido como a indiferença natural vinda dele próprio, pois tendo já recebido todo grau de exclusão, passa a ter o mesmo olhar de torpor e abnegação, na qual, a sociedade para ele também é invisível. Seja qualquer uma das hipóteses, é expressa a consciente valoração que dá a sua sociabilidade particular, pois tendo a exata noção de intimidade, do tabu corporal *escolhe* se importar somente com

o grupo o qual pertence. Tudo isso se dá apenas na relação com o seu meio e não há espaço para qualquer tipo de vergonha de exposição para quem “não o interessa”.

- 10 Essa hipótese dialoga com a tese central de Frangella (2009) de que “no momento mesmo em que parecem inclinados a permanecer reclusos em seus limites de sujeira, de marginalidade e de não posse, acabam por construir uma retórica pedestre resistente que só pode ser entendida em relação a ideologias políticas e econômicas oficiais de ordenação do espaço”. (Rui 2010: 804). O ato de se limpar publicamente, mostrando suas “impurezas” denota uma metonímia do todo exemplificado por Frangella, pois é através do corpo que eles criam possibilidades de agência. Essa corporeidade deles “reside no avesso daquilo que o imaginário urbano cria e formata” (Rui 2010: 804), porque realçar e colocar com *limpidez* seu atributo corporal mais destacável – a sujeira – faz com que ignore o que é motivador de vergonha e isolamento para transformar em símbolo de proteção.

A simbólica corporal traduz a especificidade da relação com o mundo de certo grupo num vínculo singular e impalpável, mas eminentemente coagente [...] O indivíduo habita seu corpo em consonância com as orientações sociais e culturais que se impõem, mas ele as remaneja de acordo com seu temperamento e histórias pessoais. (Le Breton 2009: 41).

- 11 Le Breton (2009) constrói um plexo entre corpo, natureza e cultura articulando-os com questões que vão do orgânico ao simbólico, da razão a emoção. A partir de sua obra podemos alargar os pensamentos acerca dessa ilustração, que representa tantas outras, na qual se reconhece o corpo como carne no mundo capaz de se transformar constantemente, mostrando a elasticidade corpórea e sua simbiose com o meio social. Como apontado no exemplo acima, o corpo produz conhecimento através de suas experiências sensíveis, dando pistas abertas sobre quem é ao se relacionar com quem está a sua volta, visto que “existe uma inteligência do corpo da mesma forma que existe uma corporeidade do pensamento; entretanto, isso apenas demonstra a existência de um sujeito, o qual pertence a sua carne da mesma forma que essa lhe pertence numa relação ambígua que é a própria relação humana” (p. 44).
- 12 Ao seguir a trilha desse autor, vemos uma linha teórica que enfatiza o papel do outro na relação do ser humano com o mundo, mostrando que um só se constrói na perspectiva do outro, pois a construção e metamorfose corporal estão imbricadas na social e cultural, “o outro é condição do simbolismo que o configura e do qual ele se serve para comunicar-se com os outros”.

Os inúmeros movimentos corporais empregados nas interações enraízam-se na afetividade individual. Da mesma forma que a pronúncia de uma palavra ou o silêncio numa conversa, eles nunca são neutros ou indiferentes, manifestando uma atitude moral em relação ao mundo e oferecendo ao discurso ou ao encontro uma corporeidade que lhes acrescenta ulteriores significações. (Le Breton 2009: 39).

- 13 Para abalzar a importância do papel do outro nas relações, Le Breton usa o caso dos meninos selvagens, em que um deles é retratado no filme “Garoto Selvagem”. O exemplo dos meninos selvagens, criados apartados de qualquer civilização é um modelo, por excelência, da capacidade de elasticidade do corpo, até que ponto ele pode ser desenhado pelo outro. No filme, um menino, ainda criança, é encontrado numa floresta da França e levado para se socializar numa instituição para surdos e mudos, já que não falava e, aparentemente, não respondia aos sons altamente perceptíveis. Observando seu andamento, um pedagogo solicita levar o menino para a sua casa para ali fazer pesquisas e tentar socializá-lo. No relato do pedagogo, as emoções do menino não parecem afetadas

mesmo tendo sido abandonado, pois ninguém o viu chorar na instituição. Ele só demonstrava satisfação nos passeios do parque, pois ali estava a alegria de voltar ao conhecido, ao que lhe dava estabilidade, um retorno às raízes de onde seu corpo fora completamente moldado. Já não podia mais viver distante da vida que se adaptou, era movido por uma memória afetiva de plena liberdade.

- 14 O método utilizado pelo professor era transformar o prazer em forma de obrigação, assim o menino recebia a recompensa do prazer após realizar os exercícios. E nesse ponto o “garoto selvagem” nos mostra como a relação linguagem e prazer é filigranar, pois ele não se comunicava quando pretendia ou tinha o desejo de fazer algo, só conseguia estabelecer comunicação após o prazer, falava, apenas, com o desejo alcançado. Como o caso do leite, no qual ele conseguia falar a palavra *lait* depois que recebia o copo cheio, a linguagem operava como agradecimento pelo prazer dado. Tal comportamento leva o professor a pensar que a obediência ocorre somente por medo ou pela recompensa e não por compreender a ordem moral. Para ele, ainda não havia sido possível ensiná-lo o sentido de justiça, assim, decide fazer um teste, punindo-o quando ele acerta um exercício e vê que prontamente ele se revolta, mostrando um sentido de justiça eminentemente humano, remetendo assim para o sentido ontológico que esse significado assume.
- 15 Essa digressão com o filme foi feita para refletir que há questões inatas que irão se mostrar frente aos acontecimentos. A partir dessas duas cenas assistidas – a da Avenida Brasil e a do “garoto selvagem” – podemos inferir o poder de transformação do corpo e do comportamento, o sentido de justo e injusto que parece ser, no humano, colocado nos momentos propícios, sendo esse ensinado, ou não, sobre a ordem justa e moral das coisas. Ainda que se encontrem em pólos distintos, o exemplo do menino selvagem pode se articular com a atitude do morador de rua e/ou *cracudo*, no sentido de atribuírem suas questões morais através da corporeidade. No caso contemporâneo, observa-se o valor e domínio do corpo do homem, ao se esconder dos membros de sua comunidade e mostrar-se em plena Avenida Brasil, assim como a relação dele com seu próprio corpo e com o que é constituído como tabu. Segundo Le Breton, eles estão “inseridos numa interação, [onde] os locutores acordam sobre uma trama de regras. Uma gramática dos comportamentos indica os atores à maneira conveniente de situar-se frente ao outro” (Le Breton 2009: 53), mas ao dialogar com Maurice Merleau-Ponty, “pode-se dizer que, no homem, tudo é ao mesmo tempo fabricado e natural.” (Merleau-Ponty 1945 *apud* Le Breton 2009: 5). Nessa teia entre o fabricado e o natural vemos uma moral própria do humano que se molda àquele que a expressa, o que se encaixa com o “paradoxo do ator” de Le Breton, cujo ator é o criador das significações que ordenam a sua existência, assim como aquilo que deseja expressar para a plateia.

O laboratório das paixões ordinárias, ou seja, o palco teatral é um espaço que revela a contingência social, no qual o conteúdo representado é reconhecido pela plateia. Considerado como um profissional da duplicidade, o ator altera seus sentimentos pessoais e constrói emoções adequadas ao que cada cena lhe exige. Inventor de emoções e de identidades provisórias, o corpo do ator configura-se como uma narrativa que sofre nuanças, articulando o orgânico com o simbólico e problematizando os esquemas inatos. (Mendes e Porpino 2011: 544)

## Conclusão

- 16 Voltando a problemática da corporalidade para a questão contemporânea da população de rua e dos usuários de droga, a crítica vai ao encontro de visões que voltam seu foco,

apenas, para resoluções pessoais que tendem a reduzir um debate complexo. O perigo de tais concepções é considerar o uso de soluções extremas, das quais ignoram o poder reflexivo deles, já que, ao mesmo tempo em que se encontram num estado de vulnerabilidade, pode-se acrescentar um estigma, que é o da droga. Entretanto, a despeito da mudança de comportamento na vida social, de uma nova sociabilidade, da *maculação* do caráter ou até mesmo da alma, a hipótese é de que os chamados *cracudos* e aqueles que vivem na rua, não só racionalizam sobre a sua própria condição, como também fazem planos, sonham e vivem o mundo no mesmo plano de expectativas que os “cidadãos comuns” e essas são abertamente sinalizados a partir de suas práticas corporais.

- 17 Portanto, tais territórios, não podem ser definidos somente por cenas emolduradas, há muito mais além de um quadro de pessoas com olhos vermelhos, olhar perdido, corpo franzino, cachimbo na mão, roupas velhas e pés descalços. Essas cenas mostram que, da cabeça aos pés, eles estão marcados por uma diferenciação, por uma condição de subalternidade social. A imagem, ao contrário do que se mostra, não é estática, mostra nuances, que nos move a uma reflexão acerca dos motivos que os levou a essa fotografia em preto e branco; da posição em relação ao mundo social; sobre quais categorias sociológicas podemos analisá-lo e quais engrenagens políticas que se articulam. Afinal, uma figura encena uma multiplicidade de indagações, que não podem cessar em simples suposições ou juízos de valor. Numa perspectiva de voltar num processo cultural, histórico e político, não podemos incorrer no equívoco de diminuir algumas trajetórias pessoais e situações isoladas a uma conjuntura descontextualizada que por vezes retira do outro o que o faz e o torna sujeito do mundo e absolve, levemente, o tornando alienado de suas ações.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BECKER, Howard. 2008. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, Pierre. 1977. “Remarques Provisoires sur la Perception Sociale Du Corps”. *Actes de Le Recherche em Scienses Sociales* nº14: 51-54.
- DAS, V.; POOLE, D. 2004. *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe: SAR Press.
- FRANGELLA, Simone M. 2009. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. São Paulo: Anablume, Fapesp.
- LE BRETON, David. 2009. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes.
- MENDES, M. I. B.; PORPINO, K. O. 2011. “Resenha da obra *As paixões ordinárias*”. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* v. 33 nº. 2: 541-544.
- MISSE, Michel. 2010. “Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos sobre uma contribuição analítica sobre a categoria de bandido”. *Lua Nova* n. 79: 15-38.
- RUI, Taniele. 2010. “Resenha do livro *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*”. *Revista de Antropologia* v. 53 nº 2: 800-808.

SIMMEL. George. 1987. "A Metrópole e a Vida Mental". In: VELHO, Otávio G (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. Pp. 11-25.

## NOTAS

1. Usamos a palavra "animalesca" apoiados na representação geral que aponta o *cracudo* como alguém em processo de desumanização. Prova tal afirmação as caracterizações comumente dirigidas pela população aos usuários de crack que circulam pela cidade: parasitas, animais e zumbis.
  2. O Crack é uma droga que inicialmente era feita com o refugo da cocaína e, de tão potente, os traficantes acabavam perdendo a clientela, pois viciava rapidamente, o que causava um grande número de morte dos consumidores. O efeito é mais intenso que o da cocaína porque a presença da substância ativa excitante é muito maior que o da droga inalável. Como estratégia de venda, acrescentaram outras substâncias, passando não mais a ser somente a sobra da cocaína mas uma mistura da pasta base de coca concentrada com bicarbonato de sódio. Atualmente, o crack pode ser obtido de duas formas: pelo cloridrato, onde sua confecção é caseira e de pequena escala, e a partir da pasta-base, onde sua confecção é mais industrializada. Só no final da década de 1980 o crack chegou ao Brasil, na cidade de São Paulo.
  3. No Brasil eles podem ser identificados por outros nomes como nóias, craqueiros e zumbis.
  4. A tamanha ressonância do personagem fez com que fosse criado até uma página no facebook com tiras sarcásticas com o fato de ser um mengigo bonito: <https://www.facebook.com/Mendigato>
  5. Reportagem do site G1 sobre matéria do jornal britânico Daily Mail citando caso do mendigo gato: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/10/jornal-britanico-repercute-caso-do-mendigo-gato-de-curitiba.html>
- 

## AUTORES

### BEATRIZ BRANDÃO

Doutoranda em Ciências Sociais – PUC-Rio

E-mail: [bia.brandao18@hotmail.com](mailto:bia.brandao18@hotmail.com)

### WELLINGTON DA SILVA CONCEIÇÃO

Doutor em Ciências Sociais (UERJ) e professor da Universidade Federal do Tocantins

E-mail: [Wellingtoncs@uft.edu.br](mailto:Wellingtoncs@uft.edu.br)